

## RELATO DE EXPERIÊNCIA - RESUMO EXPANDIDO

### **SANKOFA: VOLTAR ÀS RAÍZES PARA AVANÇAR - FORMAÇÃO MULTI E INTERDISCIPLINAR EM TEMÁTICAS AFRICANAS, AFRO-BRASILEIRAS E INDÍGENAS**

1. Thaissa Martins Lima 2. Marcelle Carvalho

Curso de História, UVA, Sobral, CE.

Email: [lthaissa327@gmail.com](mailto:lthaissa327@gmail.com).

O Sankofa constitui-se como um projeto de extensão da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), cujo propósito é fomentar os debates étnico-raciais no âmbito da formação inicial e continuada de professores afro-brasileiros e indígenas. A temática me toca ao revelar como as identidades de pessoas não-brancas foram manchadas durante séculos, reforçando estereótipos que afetam crianças, jovens e adultos e geram sentimentos de exclusão e não pertencimento no hodierno. É inegável a presença do racismo em nossa realidade e o modo como continua a gerar vítimas. Essa realidade se manifesta também na docência, onde professoras e professores negros muitas vezes se tornam reféns de uma educação que marginaliza os saberes de seus ancestrais e perpetua um conhecimento que aprisiona. Na obra *A des-educação do negro*, Woodson (2021) denuncia que a educação moderna foi construída para atender a interesses que não contemplam a população negra. Para ele, os “negros instruídos” não retornavam com contribuições úteis para a sua comunidade, pois foram escolarizados sob um currículo que reforça a inferioridade do negro e a superioridade do branco. Esse conhecimento, longe de emancipar, contribui para o afastamento das pessoas negras de sua ancestralidade e cultura, perpetuando a imagem de servilismo. Trata-se de um processo intencional de controle do pensamento, como afirma Woodson: “quando você controla o pensamento de uma pessoa, não precisa se preocupar com as suas ações”. Nesse sentido, a educação tradicional mostra-se desconectada da realidade dos negros, que aprendem ausentes de sua história e são ensinados a rejeitar os seus. Embora escrito em um contexto de segregação nos Estados Unidos, o diagnóstico de Woodson também dialoga com a realidade brasileira, onde a educação dos negros historicamente foi vista como ameaça à ordem. A contradição torna-se ainda mais evidente quando lembramos que os grandes ideais europeus, como o direito à razão e o livre pensamento, na prática, foram transpostos para as Américas, contudo garantidos somente aos grupos dominantes. Ynaê Lopes (2022) aponta que “essas transformações foram pensadas por e para um grupo específico e previamente estabelecido de indivíduos”, o que evidencia como a modernidade foi atravessada por ideias coloniais que ainda perduram em pensamentos, falas e ações. Foi dessa forma que a monopolização do saber pelos brancos moldou identidades nacionais de forma monocultural, apagando saberes outros em um verdadeiro epistemicídio. No contexto escolar, essa homogeneização cultural, sustentada pelo discurso de que “todos somos iguais”, acaba por marcar a diferença como exclusão. Durante a implementação do projeto, percebemos que estudantes e professores negros que não se reconhecem na cultura imposta sentem-se estrangeiros em sua própria educação, o que abre espaço para práticas discriminatórias nos variados espaços de educação. Na prática docente, urge que as questões raciais sejam incorporadas ao processo de ensino-aprendizagem, de modo a construir um ambiente educativo pautado na diversidade, no respeito e no acolhimento. É nesse cenário que o Sankofa vem contribuindo, como um espaço de confluência (SANTOS, 2023, p. 04-05) de saberes, com o intuito de potencializar

a atuação de professores, promovendo a reflexão crítica sobre o racismo e trazendo à luz as heranças intelectuais e culturais de matrizes africanas e indígenas, em diálogo com Canen e Moreira (1999) que afirmam que considerar a pluralidade cultural auxilia na inserção de práticas e políticas curriculares de inclusão no ambiente escolar. O projeto de extensão é composto por professoras dos cursos de História, Geografia, Ciências Sociais e Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) em conjunto com o bolsista Leon Montenegro e comigo, Thaissa Martins, voluntária, prezando pela formação de um ambiente acolhedor em que os participantes se sintam à vontade para compartilhar suas experiências e práticas docentes, fortalecendo, assim, uma dinâmica de apoio mútuo e de construção coletiva do conhecimento. Os encontros aconteceram em toda segunda quinta-feira do mês de 2025, desde maio, e se estenderão até dezembro, acompanhados de temáticas recorrentes, com 2h de duração, iniciando às quatorze horas e finalizando às dezesseis horas, por meio da plataforma *Google Meet*. As discussões realizadas a partir desses encontros mostram-se extremamente enriquecedoras, evidenciando a urgência de inserir as questões étnico-raciais tanto nos currículos de licenciatura quanto nos processos de formação continuada de docentes. Afinal, compreender os espaços de aprendizagem como ambientes plurais implica reconhecer que neles coexistem diferentes perspectivas atravessadas por raça, classe e gênero. Só assim será possível avançar em direção à “pedagogia transformadora” proposta por hooks<sup>1</sup> (2013, p. 56), na qual os estudantes são instigados a participar ativamente do processo educativo, contribuindo com seus saberes, experiências e reflexões no cotidiano da sala de aula, uma vez que serão reconhecidos. Para melhor compreensão do percurso formativo, descrevemos a seguir o desenvolvimento de cada encontro, destacando temas, debates e contribuições: O primeiro encontro, realizado em 15 de maio, inaugurou a proposta com a temática “Debates étnico-raciais e a Formação de professores/as”, conduzido pelas coordenadoras do Sankofa — professoras doutoras Marcelle Carvalho, Daniele Kelly, Bruna Araújo, Íris Morais e Lara Oliveira — que trouxeram reflexões sobre os desafios e possibilidades de inserir discussões étnico-raciais nos currículos de formação docente. Na sequência, em 12 de junho, o segundo encontro foi dedicado ao tema “Povos indígenas no Brasil”, contando com a participação da professora Íris Morais, que apresentou reflexões acerca da resistência indígena e dos processos históricos de apagamento e violência sofridos por essas populações, destacando a importância da valorização de suas culturas e saberes. O terceiro encontro ocorreu em 24 de julho e abordou o tema “Infâncias negras”, conduzido pela professora Danielle Kelly, do curso de Pedagogia da UVA, e pela professora Thainara Alves, da Prefeitura de Alcântaras. As discussões giraram em torno das vivências de crianças negras em contextos atravessados pelo racismo estrutural, evidenciando os impactos da ausência de referências positivas e a necessidade de construir práticas pedagógicas que acolham e fortaleçam essas infâncias. Em 14 de agosto, foi realizado o quarto encontro, que trouxe como tema “Marcadores sociais da diferença como potencializadores da educação libertadora”. A professora Marcelle Carvalho conduziu a atividade, problematizando como categorias sociais como raça, gênero e classe podem ser compreendidas não apenas como elementos de exclusão, mas também como eixos de resistência e construção de práticas educativas emancipatórias. Por fim, em 17 de setembro, o quinto encontro encerrou o ciclo com a discussão em torno da “Questão do pardo no Brasil”, ministrada pela professora Bruna Araújo, que destacou as complexidades das categorias raciais no país, problematizando as implicações históricas, sociais e políticas do termo “pardo” e como ele atravessa a

---

<sup>1</sup> A autora Gloria Jean Watkins utiliza o pseudônimo bell hooks, em letras minúsculas, como ato político, com intenção de dar destaque às suas ideias, em detrimento de sua identidade individual.

identidade de milhões de brasileiros. Os próximos encontros apresentam as temáticas: “Escrevivências nas artes e na literatura: caminhos para educação das relações étnico-raciais”, com a professora Lara Denise; “Educação antirracista como projeto político e social na escola”, com a professora Glauciana Teles; encerrando em dezembro com a professora Marcelle Carvalho, coordenadora geral do projeto. Todo o itinerário apresentado evidencia a importância do projeto Sankofa para a formação, reflexão e resistência no âmbito acadêmico e educacional. Ao promover debates sistemáticos sobre questões étnico-raciais, o projeto reafirma a necessidade de uma educação que não apenas reconheça, mas também valorize os saberes e práticas das populações negras e indígenas, historicamente marginalizadas. As discussões realizadas ao longo dos encontros demonstram que a transformação da educação brasileira passa pela integração de horizontes plurais e pelo enfrentamento do racismo estrutural que persiste nas práticas pedagógicas e curriculares. Dado o exposto, o Sankofa cumpre o papel de fomentar uma pedagogia comprometida com a justiça social, aproximando teoria e prática e proporcionando um ambiente em que estudantes, professores e pesquisadores possam compartilhar experiências e construir coletivamente alternativas de resistência. Ao trazer à tona temas tão urgentes, o projeto abre espaço para o reconhecimento de histórias, culturas e epistemologias diversas, em oposição ao silenciamento e ao epistemicídio que marcaram a formação nacional. Portanto, concluímos que iniciativas como essa são fundamentais para fortalecer o compromisso ético e político da universidade com a formação crítica e emancipadora de docentes. Os desdobramentos do Sankofa apontam para a urgência de consolidar práticas pedagógicas antirracistas e inclusivas, capazes de potencializar não apenas a presença, mas também a voz e a agência de sujeitos historicamente excluídos dos espaços de poder e de produção do conhecimento. O desafio que permanece é o de transformar tais discussões em políticas permanentes, ultrapassando os muros da universidade e alcançando as escolas, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, plural e democrática. Por fim, participar do Sankofa tem sido uma experiência transformadora, tanto no âmbito acadêmico quanto no pessoal, haja vista que me possibilita refletir criticamente sobre o papel da educação no enfrentamento ao racismo estrutural, assim como a vivência de práticas pedagógicas comprometidas com a justiça social. Os relatos de professores em formação e em exercício, em simultâneo às reflexões propostas, evidenciam que a luta contra o epistemicídio e o silenciamento de culturas e saberes não é apenas acadêmica, mas profundamente política e humana. Essa experiência também trouxe à tona a importância de compreender a educação como prática de liberdade ao recuperar histórias diversas. Nesse processo, me senti desafiada a repensar minhas próprias práticas, compreendendo a necessidade de criar ambientes de aprendizagem que reconheçam e potencializem a agência de sujeitos historicamente marginalizados.

Palavras-chave: Sankofa; Epistemicídio; Educação das relações étnico-raciais.